

DA VERTIGEM DO FUTEBOL À CALMA DO GOLFE

Enquanto estudava Medicina, o **Dr. Mário Campos** também se dedicou, durante vários anos, a outra paixão: o futebol. À conversa com a *SPN News*, o **ex-diretor do Serviço de Nefrologia do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC)** regressa às memórias das chuteiras e, já reformado, fala-nos dos relvados que mais tem pisado nos últimos tempos... os de golfe.

Marisa Teixeira

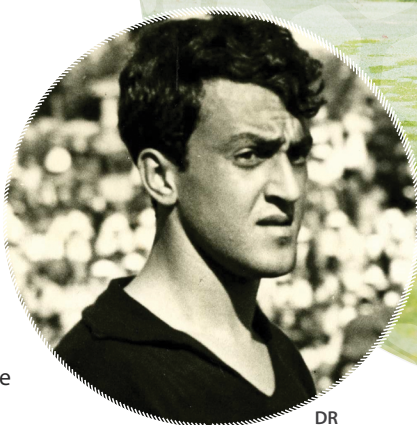
A hora marcada, Mário Campos já se encontrava na Quinta das Lágrimas, em Coimbra, a jogar golfe com um amigo. Não fosse São Pedro pregar uma partida, já que o céu cinzento ameaçava chuva, o fotógrafo apressou-se a registar algumas das tacadas do nefrologista. Embora já não exerça no CHUC, a sua agenda continua preenchida. Por isso, rapidamente se despediu do «adversário» para reavivar lembranças de outros tempos e partilhar com a equipa da *SPN News* o que tem feito recentemente.

Convidou-nos para um café no *clubhouse* do local e, desde logo, falou-se de futebol. «Comecei a jogar com 14 anos no Sport Club União Torreense e, três anos mais tarde, a Associação Académica de Coimbra [AAC] convidou-me para integrar a equipa sénior, onde também jogava o meu irmão Vítor Campos.» Na altura, o treinador da AAC era Mário Wilson – aliás, foi o «velho capitão» quem «descobriu» Mário Campos num jogo entre o Belenenses e o Torreense, acabando por trazê-lo até à cidade dos estudantes, onde o jovem, natural de Torres Vedras, seguiu também o percurso académico, enveredando pela Medicina. E assim foi durante 13 épocas. Ao entrar na especialidade, com 30 anos, disse adeus ao futebol para se dedicar exclusivamente à Nefrologia.

Quanto ao caminho que seguiu, Mário Campos cita um autor da sua preferência, Miguel Torga: «O destino destina, mas o resto é comigo.» E clarifica: «O futebol ajuda-nos a tomar decisões a cada momento: ora fingir, ora passar, ora chutar. Fiz a minha escolha.» Um dos seus orgulhos é o facto de ter sido um dos primeiros internos de Nefrologia a ser formado pela escola portuguesa. «A Nefrologia, no nosso país, tem quase a mesma idade que o 25 de Abril de 1974 e talvez seja uma especialidade tão bem referenciada e organizada por já ter sido criada em democracia.»

BRIOSA NO CORAÇÃO, SEM ESQUECER O TORREENSE

O leque de momentos mais marcantes da sua carreira futebolística inclui vestir, por três vezes, o equipamento da «turma das quinas», uma delas na Seleção A, a 10 de dezembro de 1969, em Londres. Data



DR



que jamais esquecerá, pois os portugueses defrontavam a seleção inglesa, campeã do mundo na época, no antigo Estádio de Wembley.

Ao enumerar alguns dos países onde teve oportunidade de jogar com a camisola da AAC, como Espanha, França, Alemanha ou Finlândia, o olhar de Mário Campos fica algo distante e luminoso, como se por momentos regressasse àqueles lugares. «Também percorri as antigas colónias portuguesas. Sabia que a Académica foi a primeira equipa portuguesa a ir a África (Angola, África do Sul e Moçambique), em 1938, numa digressão que demorou cerca de mês e meio de barco?», pergunta, exaltando a sua equipa do coração, sem nunca esquecer o Torreense, clube da sua terra.

O Brasil foi outro dos países que visitou como jogador, em 1970, numa época em que poucas equipas portuguesas já tinham pisado o chão daquele país. «Apenas o Sport Lisboa e Benfica e o Sporting Clube de Portugal, se a memória não me falha», lembra o nefrologista, entre sorrisos, adiantando que, em cinco jogos contra clubes brasileiros, a AAC nunca perdeu, averbando três vitórias e dois empates. «O prestígio da Académica era tanto que Vítor Santos, chefe da redação do jornal *A Bola* e uma das figuras mais marcantes do jornalismo desportivo português, nos acompanhou ao Brasil. Mais tarde, ao Torneio de Caracas, na Venezuela, foram connosco Carlos Pinhão, jornalista de *A Bola*, e Amadeu José de Freitas, jornalista no *Record* e comentador desportivo», recorda.

«E fomos ao Irão em 1971!», entusiasma-se o ex-médio da AAC, explicando que, na partida que ali jogaram, entraram com a capa

de estudantes em campo, como costumavam fazer em encontros importantes, tanto oficiais como particulares. «Corremos o mundo! Foram 13 anos fantásticos!» Entretanto, a AAC «quebrou desportivamente», para o que contribuiu significativamente, segundo Mário Campos, a saída de «excelentes jogadores (Toni, Artur Jorge, Rui Rodrigues ou Alinho) para o Benfica». Juntando a isso outros fatores, o clube acabou por descer de divisão. Desde essa altura, a Briosa tem passado por altos e baixos, mas todos lhe reconhecem o valor de uma história integrada na AAC que conta já com 130 anos.

UM DESPORTO PARA TODAS AS IDADES

Hoje, Mário Campos dedica-se ao golfe, «um desporto que tanto dá para os mais novos como para os mais idosos». Aos 69 anos, Mário Campos crê que este é agora o exercício ideal para si, mas lamenta não o ter iniciado mais cedo, pelas regras interessantes e pelo desafio que representa. «É, provavelmente, o único desporto que possibilita aos jogadores de aptidões mais modestas competirem contra os melhores, por causa dos *handicaps*, que representam a habilidade de jogo de um praticante amador, através de um valor numérico. Esse valor é tanto mais baixo quanto melhor for a capacidade do jogador, ou seja, pode começar-se com vantagem.»

Há cerca de oito anos, decidiu ir até ao *driving range* (campo de prática) da Quinta das Lágrimas, em Coimbra, para treinar o batimento de bola e o movimento de rotação corporal, conhecido por *swing*. «Não tem a mesma piada, mas inicialmente tem de ser, e, depois, comecei em campo», frisa. A profissão de médico não lhe permitia jogar tanto como gostava, mas sempre tentou participar em alguns torneios amadores, geralmente na Curia. Agora que está retirado do CHUC, pretende dedicar-se ao golfe pelo menos duas vezes por semana e ir até outros campos, como os da Quinta do Lago ou de Vilamoura, no Algarve, que considera «esplendorosos».

Apesar de reformado há pouco mais de meio ano, o nefrologista continua com os dias bastante preenchidos, comentando, entre gargalhadas, que a grande diferença é «poder acordar à hora que quiser». É sócio dos Centros de Hemodiálise Pombal, em Pombal, e do Centro Beirodial, em Mangualde, que ajudou a fundar. «Houve

// PERCURSO MÉDICO EM RESUMO

- 1973: licenciatura pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra;
- 1981: especialista em Nefrologia pela Ordem dos Médicos nos Hospitais Universitários de Coimbra (HUC);
- 1981-1997: membro da Direção do Colégio da Especialidade de Nefrologia da Ordem dos Médicos;
- 1986: assistente graduado no Serviço de Nefrologia dos HUC;
- 1990: chefe de serviço de Nefrologia nos HUC;
- 1990-1993: membro da Comissão Nacional de Diálise e Transplantação;
- 1992-1995: vice-presidente da SPN;
- 1993-2007: membro da Comissão Nacional de Diálise e do Conselho Nacional de Diálise;
- 1997: primeiro presidente eleito do Colégio da Especialidade de Nefrologia da Ordem dos Médicos;
- 2000-2013: presidente da Comissão Técnica Nacional de Diálise;
- 2001-2012: diretor do Serviço de Nefrologia dos HUC;
- 2001: membro do Grupo de Trabalho da Rede de Referência Hospitalar de Nefrologia;
- 2010: membro do Grupo Técnico para a Reforma da Organização Interna dos Hospitais;
- 2012-2016: diretor do Serviço de Nefrologia do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra.

uma altura em que o serviço público não conseguia dar resposta em termos de diálise, por isso, muitos nefrologistas participaram na criação de alguns centros extra-hospitalares», refere.

Antes da viagem de regresso, uma última paragem, agora na casa de Mário Campos, para conhecer algum do espólio da sua carreira futebolística. Inúmeras fotografias, camisolas que vestiu pela Seleção Nacional e pela Briosa, uma bola com que jogou nos anos de 1960 e muito mais que se «esconde» em gavetas, armários e na arrecadação. «Tenho de visitar estas memórias e reorganizá-las, pois ficam como herança para os meus filhos e netos – para quem terei, aliás, mais tempo – e, claro, para a minha mulher, que também muito se “sacrificou” pelas minhas frequentes ausências. A família é muito importante», remata. //



1. Mário Campos junto a algumas recordações futebolísticas, segurando uma fotografia da época em que jogava no Clube da AAC

2. Equipa da AAC em Teerão, capital do Irão, em agosto de 1971. Mário Campos é o segundo da esquerda, na fila da frente